

Análise de uma interação conflituosa mediada pelo gênero *Live*

Victória Wilson*
Marcele Mendes Goulart**

Resumo

As redes sociais constituem um espaço fértil para o estudo das interações, uma arena em que se disputam e se expressam ideias, opiniões, emoções. Neste artigo, tomamos como *corpus* um recorte de uma interação ocorrida entre o presidente Jair Messias Bolsonaro e sua equipe de apoio, em uma de suas *lives* semanais dirigidas ao público, em seu canal do YouTube, a partir de uma abordagem qualitativa e interpretativista, no contexto da Sociolinguística Interacional. O objetivo deste trabalho é analisar as representações do *self*, segundo Goffman, por meio de índices linguístico-discursivos, considerando as posições hierárquicas dos participantes nessa interação. Os resultados apontam para uma interação que está à beira da falta de aprumo, associada à expressão de humilhação pública, configurando uma naturalização de comportamentos que “subvertem” a ordem moral da sociedade e colocam em xeque o decoro e a liturgia do cargo.

Palavras-chave: Representação do *self*; ordem interacional; *live*.

* Doutora em Letras. Professora do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPLIN e PROFLETRAS) da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, com pesquisa na área de face e interação. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5237-8860>.

** Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPLIN) da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, com pesquisa na área de face e interação. Orcid: <https://orcid.org/000-0003-1122-335X>.

An analysis of a conflictual interaction mediated by the genre live

Abstract

Social networks constitute a fertile space for the study of interactions, an arena in which ideas, opinions, and emotions are disputed and expressed. In this paper, we take as corpus a clipping of interaction between President Jair Messias Bolsonaro and his support team, in one of his weekly lives addressed to the public, on his YouTube channel, from a qualitative and interpretive approach, in the context of Interactional Sociolinguistics. The aim of this work is to analyze the representations of the self, according to Goffman's theory, through linguistic-discursive indexes, considering the hierarchical positions of the participants in this interaction. The results point to an interaction that borders on the lack of aplomb associated with the expression of public humiliation, configuring a naturalization of behaviors that "subvert" the moral order of society and call into question the decorum and liturgy of office.

Keywords: Self representation; Interactional order; Live.

Introdução

Em uma contemporaneidade marcada por múltiplos contatos sociais, desempenhamos não só um papel social, mas vários, de acordo com o contexto em que nos encontramos. Agimos de acordo com cada esfera da vida social, esforçando-nos para a manutenção de uma ordem ritual moral, segundo Goffman (2011), baseada na consideração e no respeito mútuos, o que nos leva a seguir uma linha de conduta com a construção de uma imagem com valor social positivo, a face ou fachada¹, para o autor. Entretanto, a realidade das interações tanto é marcada por encontros quanto por desencontros e o confronto é, segundo Goffman (*apud* FABRÍCIO, 2020, p. 23), “a marca de nossa experiência de sentido no mundo”.

O olhar de Goffman para as interações presenciais, inseridas em uma ordem moral que prevê a autorregulação dos participantes em seus encontros sociais, motiva-nos a pensá-las em outros ambientes não presenciais como no caso do gênero *live*² *política* escolhida para este trabalho. Segundo Oliveira (2021, p. 208):

Goffman deixou-nos um legado que vai além dos limites da copresença e das fronteiras que separam o seu tempo de um tempo presente, marcado pela velocidade das mudanças não só nos modos de interação como em todos os âmbitos da vida social.

Soma-se a esta contribuição de Goffman o fato de cada tecnologia de comunicação criada estimular e demandar das pessoas que interagem com ela novas formas de relações e, conseqüentemente, novos modos de dizer e de se comportar. Os ambientes de internet passaram a ser:

[...] meio de expressão individual e coletiva, operando como um espaço social para apresentações do *self*, onde são veiculadas representações de identidade e de individualidade, em uma dinâmica análoga ao que Goffman (1998) denomina “gerenciamento da impressão” (*impression management*). (BRAGA, 2011, p. 97).

1 Goffman (2011), em seus estudos sobre os rituais de interação, define a noção de fachada como “o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através da linha que os outros pressupõem que ela assumiu durante um contato particular. A fachada é uma imagem do eu delimitada em termos de atributos sociais aprovados (...)” (GOFFMAN, 2011, p.13-4). Na tradução, desta edição da Editora Vozes, o termo empregado é fachada, em lugar de face, como se lê em outro texto de Goffman, 1980 (p. 76).

2 *Live stream* refere-se à transmissão contínua feita em tempo real à gravação.

A escolha do gênero *live stream* política como objeto de análise justifica-se na medida em que esse gênero foi largamente utilizado pelo então presidente da República Jair Messias Bolsonaro, ganhando ampla visibilidade entre o público das redes sociais. Em termos de uma imagem pública, o presidente caracterizou-se como um político de fácil acesso e popular³, ficando em evidência na mídia pela forma polêmica com que se comportava nas suas apresentações virtuais. Especificamente na *live stream* do dia 18 de agosto de 2022, selecionada para este estudo, o presidente tornou-se um dos principais “assuntos” dos meios virtuais pela forma como tratou um de seus assessores ao vivo, gerando uma situação de constrangimento público. No que se refere a sujeitos públicos, que ocupam posições políticas de destaque, sabemos que é preciso veicular uma imagem condizente com expectativas e interesses da situação, da audiência, do cargo, etc. Neste caso, a atenção ao decoro, à compostura seria um padrão ou uma prática identificável nesses eventos.

Com base no pressuposto de que a *live*, como um gênero e uma tecnologia de comunicação, instaura novos usos e novas possibilidades de interação, configurando-se como um espaço em que projeções do *self* são veiculadas e negociadas, o objetivo deste trabalho é refletir sobre os modos como as *faces* (imagens de si) são gerenciadas neste ambiente virtual, observando as posições e os papéis sociais que os participantes assumem neste evento e os efeitos performativos referentes à linha de conduta e à ordem moral adotada.

Desta forma, organizamos as seções considerando, primeiramente, a contribuição teórica de Goffman (1980, 1985, 2011) para o estudo da face e suas implicações e desdobramentos em interações nas redes sociais, seguindo-se, na segunda seção, a orientação metodológica, sob a perspectiva qualitativa-interpretativista, para abordar o atual fenômeno das *live streams* e contextualizar o *corpus*. Na terceira seção, discutem-se os aspectos interacionais da *live* selecionada à luz do arcabouço teórico, e, por fim, nas considerações finais, apresentam-se alguns entendimentos sobre o evento interacional destacado com observações relacionadas às regras de conduta e apresentação do *self*.

³ Até o dia 15/11/2022 Jair Messias Bolsonaro consta com 25,7 milhões de seguidores do Instagram, 15 milhões de seguidores no Facebook, 10,3 milhões de seguidores no Twitter e 6,5 milhões de inscritos no seu canal do YouTube, configurando-se como um dos políticos brasileiros com maior popularidade nos principais sites de redes sociais.

2 Redes sociais, *Live Stream* e representação do *Self*

Com o desenvolvimento dos meios e das novas tecnologias de informação e comunicação, a interação adquiriu novas dimensões e aspectos. No meio virtual, alcançando diferentes temporalidades, as novas ferramentas nas chamadas redes sociais digitais possibilitaram a ampliação das relações dos e entre os participantes (indivíduos ou atores, neste caso, representando ou atuando em nome de associações, movimentos, comunidades, empresas etc.), segundo Aguiar (2008).

Para a autora, essas redes em ambientes digitais “são cada vez mais amplas, complexas e estruturadas, e muitas percepções e comportamentos são formatados preferencialmente ou apenas nesse contexto” (AGUIAR, 2008, p. 4). Aguiar também destaca as alterações de natureza discursiva, provocadas pela passagem da comunicação para o meio digital, que tanto assimilam quanto transformam as relações existentes nas redes sociais em copresença, fato também verificado nos trabalhos de Recuero (2012, 2013, 2014) sobre o assunto.

Nos estudos de 2013, Recuero ressalta como a conversação em rede é precursora de mudanças na interação virtual, uma vez que novas tecnologias demandam uma “apropriação das próprias redes sociais desses sistemas de forma a criar elementos e sentidos” (RECUERO, 2013, p. 52). Se, na interação face a face, o discurso é coproduzido pelos e com os participantes, no ambiente virtual precisa ser reconstruído e mediado pelas ferramentas das próprias redes. Ou seja, certas propriedades das redes virtuais influenciam novos modos de relacionamento e outras formas de participação entre as pessoas e podem ser descritas em termos de: (i) acessibilidade; (ii) “buscalidade”; (iii) “replicabilidade” das mensagens e seus infinitos compartilhamentos; e (iv) “audiências invisíveis”, responsáveis pela expansão e divulgação das mensagens, gerando o fenômeno da hiperconexão (BOYD, 2007, *apud* RECUERO, 2013, p. 53).

Em relação ao gênero *live stream*, propriamente dito, Pires e Carvalho (2022), tomando como ponto de partida a tipologia de Charaudeau (2018), fazem a distinção entre *lives* de cunho político de outras de natureza diversa.

As *lives* políticas, no entendimento dos autores, configuram-se como um gênero midiático, na medida em que “demarcam um ecossistema em que o construto discursivo é um sinônimo do meio, no qual o meio é cada vez mais a mensagem” (PIRES e CARVALHO, 2022, p. 17).

Considerando que a *live stream* pode ocorrer em diferentes plataformas, o aspecto referente à acessibilidade já se configura como um fator positivo quanto ao tipo ou ao grau de engajamento a depender de um esforço de divulgação prévio na antecipação ou criação de um interesse para atrair o público para acessá-las. Somada à acessibilidade, a replicabilidade acontece, pois, quanto mais pessoas conectadas, mais relevantes e visíveis se tornam as *lives*, uma vez que a participação de cada um gera um algoritmo, responsável por expandir a rede social de maneira a aumentar (e por vezes manter) a exposição e visibilidade dos atores.

É essa capacidade das redes virtuais, afirma Recuero (2013), “de transcender o grupo que a iniciou, navegando pelas conexões dos sites de rede social e ampliando a audiência e a participação dos demais, que caracteriza as conversações em rede” (RECUERO, 2013, p. 54), gerando o famoso “viralizou”. No caso das *lives* realizadas pelo presidente Jair Bolsonaro, o estabelecimento de uma data e hora previamente marcadas, semanalmente – às quintas-feiras –, foi um recurso utilizado para garantir uma rotina de audiência e de popularidade, no processo de exposição de si e de suas ideias/ideologias.

As novas propriedades das interações em rede virtual estimulam “o processo de apresentação de si”, como bem pontua Braga (2021), levando-nos a concluir o quanto o ambiente digital se torna produtivo para observar a maneira com que seus usuários se apresentam e se comportam. Para a autora, a observação da dinâmica interacional da entrada em cena de novos/as participantes “revela aspectos da lógica simbólica que organiza este espaço, em um processo de apresentação do *self* que regula e organiza a interação ali ocorrente” (BRAGA, 2011, p. 101).

Nos estudos de Goffman, dedicados a interações em copresença, o autor destaca o quanto a vida social é um evento ordenado e o quanto as pessoas projetam suas identidades (imagens de si) nesses eventos, como um “equipamento expressivo do tipo padronizado e intencional ou inconscientemente empregado [...] durante a sua representação” (GOFFMAN, 1985, p. 29). Como já mencionamos, a contribuição

teórica de Goffman certamente transcende os limites das interações e dos comportamentos presenciais ou mediados com outros participantes, para que se possa aplicá-la a interações em redes sociais digitais. Esses ambientes, regidos por uma dinâmica de sociabilidades, favorecem a expressão e a representação das identidades ou imagens de si a partir da linha⁴ a ser seguida pelos participantes.

Nesse caso, é através da linha que a face (fachada)⁵ – isto é, “o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma” – é definida (GOFFMAN, 2011, p. 13). O autor explica que essa face é pública e projetada para o outro com o intuito de manter os valores sociais positivos; e que está diretamente ligada aos sentimentos de quem a constrói e possui um prazo de validade, visto que a qualquer deslize no momento da interação, pode-se perder ou mudar essa “imagem do self”.

Dessa forma, depreende-se que estar em ou manter uma face com sucesso representa não só uma legitimação no contexto, como também proporciona um sentimento de segurança social. Nesse caso, para evitar colocar em risco a face, duas orientações ou medidas podem ser tomadas: uma orientação defensiva para salvar a própria face e uma orientação protetora para salvar a face dos outros, podendo as duas às vezes coexistirem. A esses modos de comportamento associam-se atributos como orgulho, honra e dignidade, que orientam o jogo de manutenção das faces integrados a atitudes de consideração mútua (respeito a si próprio e aos demais interagentes) e de “identificação emocional com os sentimentos dos outros” (GOFFMAN, 2011, p. 18). Tais comportamentos e atitudes seriam responsáveis por evitar a ocorrência de cenas ou situações de humilhação ou desfiguração (*defacement*) com as faces alheias. Por isso, o autor defende que a manutenção da face é uma condição da interação e não o seu objetivo (GOFFMAN, op. cit., p. 19).

Sob esta perspectiva, atos que ameaçam a face (ou *self*) violam em diferentes modos e intensidades as normas de interação. Porém, esses atos não estão à margem das interações ou constituem uma exceção como bem argumenta Oliveira (2020). Para a autora, só com “esforço e atenção

4 “Linha” seria, na concepção de Goffman (2011, p. 13), “um padrão de atos verbais e não verbais com o qual ela [a pessoa] expressa sua opinião sobre a situação, e através disto sua avaliação sobre os participantes, especialmente [a avaliação sobre] ela própria”. Em Goffman (1985, p.11), depreende-se que “linha” seria a “informação a respeito do indivíduo [que] serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que dele podem esperar” – para assim os participantes poderem agir conforme a resposta desejada.

5 “Face” ou “fachada”, a depender da tradução, também podem ser abordadas como imagens do *self*.

contínua” (OLIVEIRA, 2020, p. 8) é que chegaremos ao entendimento mútuo nas conversações em que as relações intersubjetivas são colocadas em xeque.

Nas redes sociais digitais, por conta da capacidade de armazenamento dos eventos interacionais, ações verbais, que transgridem as normas, acabam sendo potencializadas e “viralizadas” com mais rapidez, podendo ser replicadas e retomadas pelas audiências invisíveis devido à hiperconexão conforme já mencionado. Nesse caso, essas conversações em rede muitas vezes levam uma mensagem a um público não esperado e heterogêneo, o que apresenta sérios “riscos à face”, intensificando-se, de um lado, a exposição do *self*, de outro, enfraquecendo a possibilidade de negociação da polidez, conforme declara Recuero (2012, p. 57). Então, nesse ambiente, o usuário deve fazer o “trabalho de face” não só para os que dialogam com ele, mas também para aquela plateia “invisível” que não necessariamente interage, mas consome os conteúdos que são divulgados na rede; fragiliza-se, desse modo, o “controle” sobre a situação interacional.

Assim, passamos para a próxima seção, na qual descreveremos a metodologia e contextualizaremos o gênero *live stream* selecionado para este trabalho.

2 Orientação metodológica

Com o advento da internet, a proliferação do número de sites, *blogs* e redes sociais proporcionou às pessoas, sobretudo aos jovens, uma multiplicidade de canais comunicativos de interação e de divulgação de diversos discursos, seja de caráter político, intelectual, ambientalista ou econômico (QUEIROZ, 2017). A interação, inegavelmente, ganhou novos aspectos no ambiente virtual e foi exatamente a intensidade dos usos desses elementos tecnológicos, como afirma Marcuschi (2007), que influenciou para que diferentes gêneros *web* surgissem e ganhassem popularidade entre as comunidades comunicativas.

O gênero digital *live* possibilita diversas formas de interação, por exemplo, em tempo real com a presença de um *chat* virtual e de comentários que podem ser feitos depois da transmissão ao vivo. Por isso, o campo das

Ciências Sociais e a Linguística Sociointeracional cada vez mais se ocupam de analisar as relações e os discursos que ocorrem a partir desses novos gêneros, já que, através desses, podemos observar/presenciar múltiplas interações sociais ocorrendo de forma instantânea.

Pires e Carvalho (2022, p.4) explicam que a aceleração dos processos de renovação das tecnologias e a sobreposição de uma por outra afetaram o mundo virtual, visto que o conteúdo presente na rede teve que passar por atualizações para acompanhar o desenvolvimento do mercado tecnológico⁶. A incorporação das ferramentas de *live stream* nos mais populares sites de redes sociais surge desse contexto – Instagram, Twitter, YouTube, Facebook. O YouTube, que é a rede social de maior interesse desse artigo, foi lançado em 2005 com o *streaming* de vídeos gravados e se firmou como um dos principais sites da internet; apenas em 2011 que a plataforma se tornou pioneira de *live content* ao lançar o YouTube Live⁷.

O gênero *live* reportado pelos meios tecnológicos⁸, tal como o conhecemos hoje, tornou-se bastante difundido pelo mundo artístico, voltado para a exibição pessoal de celebridades e influenciadores digitais, como forma de alcançar um maior número de espectadores e criar uma relação de proximidade com os fãs que os acompanhavam nas redes sociais. Por isso, tais *lives* costumavam ser marcadas pela linguagem informal, provavelmente com o intuito de alcançar vários públicos; e possuíam um caráter espontâneo, pois podiam ser feitas a qualquer momento (por esses sujeitos) para divulgar algo aos seus seguidores.

Após o ano de 2020, mais especificamente por conta da pandemia mundial (Covid-19)⁹, o gênero *live* ganhou novas dimensões, uma vez que as pessoas tiveram que se isolar socialmente para amenizar os impactos do vírus. Como resultado, houve a necessidade de adaptação das relações, intensificando mais ainda as interações virtuais. Assim, a *live*, como

6 Os autores mencionam, como exemplo, a quantidade de aparelhos lançados anualmente pelos fabricantes. Essas novas tecnologias apresentam atualizações aceleradas, o que influencia os consumidores – usuários dos espaços virtuais – a se readaptarem para conseguir acompanhar as mudanças.

7 Ver em: <https://www.infojovem.org.br/blog/2011/04/12/transmissao-ao-vivo-via-streaming>; <https://imasters.com.br/noticia/consumo-de-streaming-por-brasileiros-dobrou-desde-2011> e <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/04/youtube-vai-lancar-servico-de-aluguel-de-filmes-por-streaming.html>.

8 As primeiras transmissões de vídeos gravadas ao vivo ocorreram pela televisão, através de ondas de rádios. Entretanto, o gênero *live stream* distingue-se por referir-se a uma transmissão de dados ao vivo, via internet ou rede de computadores. Por meio do *live stream*, os dados gravados são transmitidos em tempo real aos dispositivos conectados.

9 Ver em: <https://exame.com/tecnologia/lives-surgiram-como-forma-de-adaptacao-diz-marilia-mendonca>; <https://g1.globo.com/retrospectiva/2020/retrospectiva-na-globo/noticia/2020/12/16/veja-lives-que-bombaram-em-2020.ghtml> e <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/mercado/sucesso-da-pandemia-lives-viram-acessorio-de-lucro-na-retomada-economica-64616>.

explicam Villela, Almeida e Giogi (2020, p. 38), deixou de ser usada por um público com objetivos específicos, ampliando seu alcance para dialogar com novas temáticas, em outros espaços, passando, assim, a ser utilizada em meios acadêmicos, políticos e sociais, com o intuito de promover interações globalizadas e propagar determinados discursos em grande escala.

Foi esse o gênero escolhido pelo presidente Jair Bolsonaro. Nas “*lives* de quinta”, como eram chamadas, o presidente eleito podia interagir diretamente com o seu público e, devido ao potencial de propagação dessa mídia, a *live* foi utilizada como um recurso para divulgar conteúdo político em suas mídias sociais (Facebook e YouTube) – como forma de “prestar contas” dos atos do governo, sem interferência dos grandes meios midiáticos, porque, segundo ele, “muitas vezes a mídia exagera ou deturpa alguma informação”.¹⁰

Para Pires e Carvalho:

A utilização da *live stream* começou a alterar o paradigma de comunicação do país. Uma vez que o presidente faz comunicados oficiais (em “espaços” nos quais jornalistas não podem fazer perguntas), as *lives* surgem como um mecanismo alternativo à narrativa midiática. Elas não possuem o intermédio dos veículos jornalísticos tão criticados por Bolsonaro e são orquestradas pelo próprio presidente. (PIRES e CARVALHO, 2022, p. 9).

As *lives* semanais de Bolsonaro¹¹ tornaram-se, assim, um programa virtual que apresenta o maior representante político da nação, instalado no Palácio do Alvorada, em um ambiente entre íntimo e oficial, sem protocolos de formalidade, transmitindo para seu público informações políticas da forma como ele considera adequada. Sem interrupções, colocado sempre centralizado em frente à câmera, com a presença de convidados de sua escolha, o presidente aproveita o espaço para manifestar-se sobre assuntos oficiais. Assim, o presidente transforma o ambiente de transmissão ao vivo num canal de engajamento de audiência, mas também num espetáculo, com promoções e propaganda política, no qual apresenta argumentação sempre a favor de seu mandato, justificativas para os rotulados “ataques” da oposição e “polemização” de temas que o próprio presidente sabe que irá gerar visibilidade. Como dito por Pires e Carvalho (2022):

¹⁰ Ver em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/05/23/com-lives-bolsonaro-fura-filtro-da-imprensa-e-mantem-estilo-da-eleicao.htm> e <https://www.otempo.com.br/politica/jair-bolsonaro-anuncia-lives-no-facebook-todas-as-quinzas-feiras-1.2146460>.

¹¹ O presidente Jair Bolsonaro fez mais de 138 horas de *live* nos dois primeiros mandatos, conforme publicação (*O Globo*). Ver: <https://blogs.oglobo.com/sonar-a-escuta-das-redes/post/bolsonaro-ja-fez-mais-de-138-horas-de-lives-nos-dois-primeiros-anos-de-mandato.html>.

[...] o gênero afasta-se de debate e da conversa, visto que o fio condutor é quem rege as manifestações e há a concentração em si mesmo e em suas ideias – não havendo espaço para discordantes (op. cit., p. 13).

A *live stream* de 18 de agosto de 2022, selecionada para análise, teve 54min35s de duração e contou com a presença do presidente Jair Bolsonaro e de uma intérprete de libras; sentados, ambos têm à frente uma mesa e se dirigem a uma câmera vídeo que registra todo o encontro. Percebe-se, pelas vozes que se sobressaem no áudio, que há uma equipe por trás das câmeras auxiliando o processo da gravação do registro presidencial. No momento correspondente a 2min35s da *live*, o presidente anuncia que seu mandado continua reduzindo impostos de milhares de itens – conforme publicação do Diário Oficial de 17/08/2022 – e menciona a redução de imposto sobre o produto “concentrado de proteína”, conhecido popularmente como “Whey Protein”.

No decorrer de sua mensagem, ocorre uma interação de natureza conflituosa entre o presidente e a sua equipe de apoio, pois, no momento de ler as porcentagens impressas que refletem as mudanças no imposto do produto mencionado, o presidente é corrigido ao vivo, duas vezes, por um dos integrantes da equipe. Tal atitude provoca um nítido desconforto no presidente da República, Jair Bolsonaro, e, no meio da *live*, ao vivo, reporta-se a um desses integrantes de sua equipe e diz: “*não tenta dar piruada, não, fica na tua ai*” (3min49s/3min50s); em seguida, declara: “*estou lendo na minha frente aqui*” (3min52s/3min53s). No entanto, ao ser novamente interrompido, pergunta: “*eu perguntei alguma coisa para vocês?*” (4min5s a 4min8s).

Após a contextualização do *corpus*, apresentaremos: uma parte do excerto que antecede o momento do conflito supracitado (2min35s), seguido do momento exato do conflito entre o presidente e o seu “assessor” (3min38s a 4min09s), trecho que será analisado, e um trecho que o sucede (4min10s), a partir do modelo de transcrição de Marcuschi (1991):¹²

¹² Live da Semana | Presidente Jair Bolsonaro - 18/08/2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ndeqFwu2FPE>.

1. PRESIDENTE: bem, nós continuamos reduzindo impostos, né (+)¹³
2. e alguém quer (+) a gente quer saber como é que faz para reduzir imposto e arrecadar mais ainda (+)
3. então tem uma tal de curva de Laffer
4. não sou economista, né (+)
5. que você vai (+) aumentando a carga tributária (+)
6. você vai arrecadando mais (+)
7. chega a (determinado momento que (+) você (+)
8. quanto mais aumenta, menos arrecada. Por quê ?
9. o povão vai (+) vai para a sonegação, ah
10. no nosso governo, desde o início do governo, nós vemos, nós estamos diminuindo impostos no Brasil.
11. são milhares de itens (+) que tiveram seus impostos (+) é (+) reduzidos
12. mais uma leva (+) publicado no Diário Oficial da União (+) de ontem (+)
13. então, por exemplo (+) é (+) os concentrados de proteína (+) Whey Protein
14. pessoal que gosta de (+) malhar, é isso mesmo?
15. FUNCIONÁRIO: isso
16. PRESIDENTE: pessoal de academia aí
17. então os concentrados de proteína (+) Tá certo o que eu falei?
18. WHEY¹⁴ (+) PRÓTEN (?)
19. FUNCIONÁRIO: isso
20. PRESIDENTE: falei certo (?) Tá legal(!)
21. [RISOS]
22. PRESIDENTE: Hélio, to / ¹⁵to com / com o inglês igual ao teu, já, Hélio (+)
23. HÉLIO quase
24. [RISOS]
25. PRESIDENTE: então, passou de onze por cento para ZERO (+)
26. então ajuda ae a (+) o pessoal que malha, né (+)
27. FUNCIONÁRIO: [acho que foi de quatro por cento, presidente.]
28. PRESIDENTE: hãn?
29. FUNCIONÁRIO: [onze para quatro].
30. PRESIDENTE: NÃO, onze para zero!
31. não tenta dar (piruada) não, fica aí, fica na tua aí, tá (?)
32. onze para zero, tô lendo na minha frente aqui

¹³ Indicação de pausas.

¹⁴ Indicação de ênfase

¹⁵ Indicação de truncamento brusco

33. também (+), os (+) complementos alimentares (+),
34. no (incompreensível) esportivas, de doze para ZERO (+) ah
35. o que passou de onze para quatro (+)
36. é lactal - ¹⁶bu - mina -
37. [INTERRUPÇÃO]
38. FUNCIONÁRIO: bomina/
39. [VOZES]
40. PRESIDENTE: EU (+) perguntei alguma coisa para vocês?
41. eu perguntei alguma coisa? (+) Tá.
42. que (?) é uma bumina (+) éh
43. tá aqui o nome mais científico, aqui, lactabumina (+)
44. incluindo os concentrados (+)
45. ...

Na sequência da interação apresentada acima, o presidente Jair Bolsonaro dá continuidade à sua fala ao vivo e ignora completamente o desacordo ocorrido entre ele e os membros de sua equipe. Percebe-se, diante desse fragmento transcrito, uma situação comunicativa, na qual a vulnerabilidade das faces torna-se evidente, fato que será analisado na próxima seção.

3 “Você sabe com quem está falando?”: as representações de si na live presidencial

Brown e Levinson (1987), em *Politeness: some universals in language usage*, em estudo clássico sobre polidez, destacam o poder (grau de imposição de um dos participantes sobre o outro) e a distância social entre as variáveis culturais que podem ocasionar um tipo de ameaça à face. Considerando o *ethos* interacional em questão, não há dúvidas da disparidade entre, de um lado, o presidente da República, atuando como o protagonista da interação, e, de outro, os demais membros de sua equipe, ocupando um papel secundário no mesmo evento, caracterizando, a princípio, uma comunicação assimétrica.

¹⁶ Indicação de silabação

No entanto, é possível notar, de acordo com a transcrição referida, interrupções ocorridas na interação com fins corretivos à fala do presidente, por parte dos membros de sua equipe de apoio, o que pode soar como algo inusitado à situação, especialmente, quando se está em jogo o posicionamento (poder e distância social) dos participantes nesta situação, ou seja, a *live stream* presidencial. Neste caso, podemos formular a seguinte questão: Quem teria, e em que circunstâncias, o direito de interromper a fala de um/do presidente em sua *live* semanal?

De acordo com Braga (2011), alguns padrões nos processos de apresentação de si nos ambientes digitais podem ser identificados. Na *live* política semanal, o padrão identificado é o do presidente que se apresenta como protagonista da interação, na condução da temática escolhida; ele seria, nas palavras de Pires e Carvalho (2022), o “palco de si mesmo”. Na cena em pauta, no entanto, as interrupções realizadas pela equipe de apoio, em certos momentos da interação entre eles, provocam um rearranjo nesse padrão, isto é, alteram a *linha* adotada e esperada, na medida em que desviam o foco do presidente (emissor) como ator protagonista, *senhor da situação*, para o foco em um dos participantes (anônimo), autor do ato corretivo à fala presidencial. Alterou-se, assim, um padrão (esperado) e o protagonista foi colocado em uma posição vulnerável – como se incorporasse uma *face errada* e ficasse vulnerável à perda de sua face, não obstante as boas intenções do processo corretivo ocorrido.

Conforme embasamento de Goffman, a pessoa que se vê com a *face errada* ou *fora* dela pode se sentir embaraçada e inferiorizada; pode sentir que sua reputação foi atingida; que a legitimidade de seus atos foi questionada e, conseqüentemente, desautorizada; e, sobretudo, pode sentir que perdeu o apoio à imagem do *eu*: “Uma falta de apoio apreciativo percebida no encontro pode chocá-la, confundi-la e momentaneamente incapacitá-la enquanto participante da interação” (GOFFMAN, 2011, p. 16).

Portanto, em nosso entendimento, as interrupções provocaram, nesses breves momentos, uma desestabilização dos papéis sociais dos atores, transgredindo momentaneamente a relação hierárquica entre eles, além de terem desequilibrado o jogo de preservação mútua das faces (apresentações dos *selves*), reforçando o quanto a vulnerabilidade das faces é uma marca da

interação, como bem pontua Goffman, não obstante a própria estrutura e padrão da *live* presidencial.

O desconforto do presidente evidencia-se, na medida em que ele parece ter se surpreendido com a ruptura de um *script* (linha para Goffman), desconforto esse que se sucede nas demais sequências da interação e que atenta para a sua reputação como presidente da República, afinal.

No momento em que um de seus assessores interrompe a fala do presidente (25. *Presidente: então passou de onze por cento para zero*), ressalte-se, para corrigir uma informação supostamente equivocada (27. *Funcionário: Acho que foi de quatro por cento, presidente.*), depreendemos que houve um ato de ameaça à face presidencial, uma violação ao seu status, daí a primeira reação do presidente foi a de desmerecer e constranger o outro publicamente por meio da manobra defensiva, como bem ilustram os trechos em destaque: “31. *Não tenta dar piruada não, fica aí (.), fica na tua aí, tá (?)* / 32. *Onze para zero, tô lendo na minha frente aqui (.)*”. Esse comportamento se repetirá em outras sequências de turnos como veremos adiante.

Quando uma pessoa sente que está com a *face errada* ou *fora da face*, diz Goffman, “sua tendência é sentir-se envergonhada e inferior pelo que aconteceu por culpa sua e pelo que pode acontecer à sua reputação como participante”. (GOFFMAN, 1980, p. 79). Cria-se um embaraço e a pessoa pode sentir-se desintegrada a ponto de desenvolver uma situação de “desordem na organização expressiva de seus sentimentos” (id. *ibid.*, p. 79). Essa desordem, momentânea, aparentemente, reverteu-se, no caso do protagonista da cena, no ataque já referido ao outro por meio da expressão de uma ordem “31. *Não tenta dar piruada não, fica aí (.), fica na tua aí, tá*”, seguida de uma retomada de face e, conseqüentemente, reputação, amparadas e referendadas por um texto/documento que é lido pelo presidente: “32. *Onze para zero, tô lendo na minha frente aqui.*”

Em outra sequência, conforme já exemplificado, em busca de uma aprovação pública para a sua audiência, de legitimação de sua fala e da retomada do protagonismo (e imagem de si/face), o presidente da República responde ao “oponente”: “35. *O que passou de onze para quatro (.)* / 36. *É lactal (.) bu (.) mina.*” No entanto, outra interrupção se faz notar devido à leitura e pronúncia equivocada do termo técnico empregado – “*lactoalbumina*” –, lido/dito como *lactal (.) bu (.) mina*. Ao ser corrigido

novamente, o presidente toma o turno e questiona: “40. *Presidente: Eu (.) perguntei alguma coisa para vocês?/ 41. Eu perguntei alguma coisa? (.) Tá.*”

Quanto à dimensão relacional da comunicação, há indícios de que o presidente pode ter interpretado os episódios de interrupção como uma comunicação assimétrica, às avessas, em que um de seus subordinados se colocou na posição de corrigir e ensiná-lo a enfrentar dificuldades. Para demarcar seu território e seu protagonismo, para restabelecer a assimetria de papéis sociais entre eles, o presidente não hesita em fazer valer a máxima “você sabe com quem está falando?”, ainda que às custas de um comportamento tratado por Goffman como desfiguração ou *defacement*, isto é, um comportamento em que se suspende uma identificação emocional com os outros e seus sentimentos (GOFFMAN, 2011, p. 18). Houve, portanto, em nosso entendimento da situação, um uso agressivo da preservação das fachadas, em prol da manutenção do *self* presidencial em sua re(a)presentação no palco da *live*.

Considerações Finais

A análise de um recorte de uma *live stream* política do presidente Jair Bolsonaro procurou, especialmente, salientar a potencialidade da teoria goffminiana para a sua aplicação no âmbito das redes sociais em ambiente digital, na medida em que esses ambientes não só replicam as redes sociais em presença como produzem outras formas de socialização, trazendo à cena processos de elaboração de face, formas de convívio e tratamento entre os usuários das redes, expressão de opiniões, pontos de vista e emoções, enfim, colocando em atividade o próprio código ritual e sua normatividade, não obstante as idiosincrasias da internet e as demandas por (novos) modos de dizer e fazer em termos de padrões e expectativas.

Os resultados, considerando a interpretação dos dados, apontaram para: (i) a vulnerabilidade das faces/representações de si; (ii) o modo como cada um gerencia e organiza o *self* no ambiente digital; (iii) as posições e os papéis sociais dos participantes neste ambiente; (iv) a evidência do quanto os encontros, a depender dos fatores mencionados, podem se tornar

momentos e lugares de disputa, sobretudo quando o foco é “estampar a personalidade” (PIRES e CARVALHO, 2022, p. 17).

No caso analisado, não há esforço do protagonista de fazer uso de uma fachada compatível com o cargo nem com orientações mútuas em prol da manutenção das faces ou de uma ordem ritual. Estamos diante do que Goffman denomina “disputa”:

Quando uma pessoa trata a preservação da fachada não como algo que ela precisa estar preparada para desempenhar, mas como algo que ela sabe que os outros realizarão ou aceitarão, então um encontro ou ocasião não é mais uma cena de consideração mútua, e sim uma arena em que se realiza uma disputa ou partida. (GOFFMAN, 2011, p. 31).

Referências

AGUIAR, Sonia. Redes sociais na internet: desafios à pesquisa. *In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXX*, 2007, Santos, SP. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. RN, Natal: 2008. p. 1-15.

BRAGA, Adriana. Sociabilidades digitais e a reconfiguração das relações sociais. *In: Desigualdade & Diversidade - Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio*. Rio de Janeiro, s/v, n. 9, p. 95-104, ago./dez. 2011.

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen C. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

FABRÍCIO, Branca Falabella (org.). Apresentação. *In: FABRÍCIO, Branca Falabella (org.). Sociolinguística interacional: perspectivas inspiradoras e desdobramentos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Mórula, 2020. p. 13-38.

GOFFMAN, Erving. A elaboração da face. *In: FIGUEIRA, Sergio Augusto (org.). Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. p-76-144.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 20. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

GOFFMAN, Erving. Sobre a preservação da fachada – uma análise dos elementos rituais na interação social. In: **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 13-50.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A transcrição de conversações. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**, 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Gêneros textuais e ensino**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p.19-36.

OLIVEIRA, Maria do Carmo Leite de. Entrevista à Profa. Maria do Carmo Leite de Oliveira. In: ALMEIDA, Fernando Afonso; WILSON, Victoria (org.). **Soletras**, n. 39, p. 5-17, jan./jun. 2020.

OLIVEIRA, Maria do Carmo Leite de. Goffman na era digital. **Veredas. Revista de Estudos Linguísticos**. Juiz de Fora. v. 25, n. 1, p. 196-211, 2021.

QUEIROZ, Eliani. Ciberativismo: a nova ferramenta dos movimentos sociais. Goiânia: **Panorama**, v. 7, nº1, p. 2-5, 2017.

RECUERO, Raquel. Atos de ameaça à face e a conversação em redes sociais na internet. In: PRIMO, Alex (org.). **Interações em rede**. 1.ed. Porto Alegre: Sulina, 2013. p. 51-57.

VILLELA, Gabriel; ALMEIDA, Fabio Sampaio de; GIORGI, Maria Cristina. O gênero discursivo live – tensões entre saberes acadêmicos e políticos ao vivo no Instagram. In: **Pesquisar com gêneros discursivos: interrogando práticas de formação docente**. 1.ed. Rio de Janeiro: Cartolina, 2020. p. 32-46.